

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO

Relatório Técnico

RT-MAC-2007-05

DIAGRAMAS DE DECISÃO BINÁRIA

SILVIO DO LAGO PEREIRA E LELIANE NUNES DE BARROS

Maio de 2007

Diagramas de Decisão Binária

Silvio do Lago Pereira e Leliane Nunes de Barros

Instituto de Matemática e Estatística
Universidade de São Paulo
`{slago,leliane}@ime.usp.br`

Resumo Nesse artigo, usamos a expansão de Shannon para converter uma expressão booleana para uma forma canônica, denominada *forma normal condicional*, que descreve uma *árvore de decisão* para essa expressão. Em seguida, mostramos como um *diagrama de decisão binária* pode ser obtido a partir da otimização de uma árvore de decisão, definimos algumas operações sobre essa estrutura de dados e apresentamos uma implementação em PROLOG.

1 Expressões booleanas

Formalmente, a sintaxe de uma expressão booleana ε é definida pela gramática

$$\varepsilon ::= 0 \mid 1 \mid x_i \mid \neg\varepsilon \mid \varepsilon \wedge \varepsilon \mid \varepsilon \vee \varepsilon \mid \varepsilon \rightarrow \varepsilon \mid \varepsilon \leftrightarrow \varepsilon, \quad (1)$$

onde 0 e 1 denotam, respectivamente, as constantes *falso* e *verdade*; x_i denota uma variável proposicional; e os operadores \neg , \wedge , \vee , \rightarrow e \leftrightarrow denotam, respectivamente, *negação*, *conjunção*, *disjunção*, *implicação* e *bi-implicação*.

Por convenção, associamos prioridades aos operadores (em ordem decrescente: \neg , \wedge , \vee , \rightarrow e \leftrightarrow) e, para resolver ambigüidades ou alterar a prioridade relativa entre eles, utilizamos parênteses.

Sejam ε uma expressão booleana e v uma *valoração* para ε (i.e. um mapeamento que associa a cada variável $x_i \in \varepsilon$ um valor $v(x_i) \in \{0, 1\}$). Então, o valor de ε pode ser definido, indutivamente, da seguinte maneira:

- $v(\neg\varepsilon) = 0 \iff v(\varepsilon) = 1$
- $v(\varepsilon_1 \wedge \varepsilon_2) = 1 \iff v(\varepsilon_1) = v(\varepsilon_2) = 1$
- $v(\varepsilon_1 \vee \varepsilon_2) = 0 \iff v(\varepsilon_1) = v(\varepsilon_2) = 0$
- $v(\varepsilon_1 \rightarrow \varepsilon_2) = 0 \iff v(\varepsilon_1) = 1 \text{ e } v(\varepsilon_2) = 0$
- $v(\varepsilon_1 \leftrightarrow \varepsilon_2) = 1 \iff v(\varepsilon_1) = v(\varepsilon_2)$

2 Expansão de Shannon

Sejam ε uma expressão booleana e $\varepsilon[c/x]$ a expressão obtida a partir de ε , substituindo-se toda ocorrência da variável x pela constante $c \in \{0, 1\}$. A *expansão de Shannon* da expressão ε , com relação à variável x , é dada por

$$\epsilon \equiv \epsilon[1/x] \vee \epsilon[0/x]. \quad (2)$$

Com base nessa equivalência, definimos o operador condicional *ite*¹ como $\text{ite}(x, \epsilon, \epsilon') = (x \wedge \epsilon) \vee (\neg x \wedge \epsilon')$, (3)

ou seja, $\text{ite}(x, \epsilon, \epsilon')$ é verdade se o teste x e a expressão ϵ são verdadeiros ou se o teste x é falso e a expressão ϵ' é verdadeira.

Todo operador utilizado na gramática (1) pode ser expresso por meio do operador condicional *ite*, veja:

- $\neg x = \text{ite}(x, 1, 0)$
- $x_1 \wedge x_2 = \text{ite}(x_1, 1 \wedge x_2, 0 \wedge x_2) = \text{ite}(x_1, x_2, 0) = \text{ite}(x_1, \text{ite}(x_2, 1, 0), 0)$
- $x_1 \vee x_2 = \text{ite}(x_1, 1 \vee x_2, 0 \vee x_2) = \text{ite}(x_1, 1, x_2) = \text{ite}(x_1, 1, \text{ite}(x_2, 1, 0))$
- $x_1 \rightarrow x_2 = \text{ite}(x_1, 1 \rightarrow x_2, 0 \rightarrow x_2) = \text{ite}(x_1, x_2, 1) = \text{ite}(x_1, \text{ite}(x_2, 1, 0), 1)$
- $x_1 \leftrightarrow x_2 = \text{ite}(x_1, 1 \leftrightarrow x_2, 0 \leftrightarrow x_2) = \text{ite}(x_1, \text{ite}(x_2, 1, 0), \text{ite}(x_2, 0, 1))$

3 Forma normal condicional

Uma expressão booleana está na *forma normal condicional* se e só se contém apenas constantes, variáveis e o operador condicional *ite*, com todos os testes realizados sobre variáveis e com variáveis ocorrendo apenas como testes [1].

Toda expressão booleana ϵ pode ser convertida, indutivamente, para a forma normal condicional:

- se ϵ só contém variáveis de teste, ela já está na forma normal condicional;
- senão, enquanto houver uma variável $x \in \epsilon$ que não seja teste, reescreva ϵ como $\text{ite}(x, \epsilon[1/x], \epsilon[0/x])$.

Como exemplo, vamos converter a expressão booleana $(x_1 \vee x_2) \wedge (x_2 \vee x_3)$ para a forma normal condicional:

$$\begin{aligned} & (x_1 \vee x_2) \wedge (x_2 \vee x_3) \\ &= \text{ite}(x_1, (1 \vee x_2) \wedge (x_2 \vee x_3), (0 \vee x_2) \wedge (x_2 \vee x_3)) \\ &= \text{ite}(x_1, x_2 \vee x_3, x_2) \\ &= \text{ite}(x_1, \text{ite}(x_2, 1 \vee x_3, 0 \vee x_3, \text{ite}(x_2, 1, 0))) \\ &= \text{ite}(x_1, \text{ite}(x_2, 1, x_3, \text{ite}(x_2, 1, 0))) \\ &= \text{ite}(x_1, \text{ite}(x_2, 1, \text{ite}(x_3, 1, 0), \text{ite}(x_2, 1, 0))) \end{aligned}$$

4 Árvore de decisão

A forma normal condicional de uma expressão booleana descreve um grafo, denominado *árvore de decisão*, que define o valor dessa expressão sob toda va-

¹ if-then-else

loração possível de suas variáveis. Por exemplo, a árvore de decisão correspondente à expressão $(x_1 \vee x_2) \wedge (x_2 \vee x_3)$, cuja forma normal condicional é $\text{ite}(x_1, \text{ite}(x_2, 1, \text{ite}(x_3, 1, 0), \text{ite}(x_3, 0, 1)), \text{ite}(x_2, 0, 1)$, pode ser vista na figura 1.

Numa árvore de decisão, folhas são rotuladas com constantes e os demais nós são rotulados com variáveis. Ademais, cada nó interno x_i tem um filho esquerdo (assumindo $x_i = 1$) e um filho direito (assumindo $x_i = 0$). Na representação gráfica da árvore de decisão, os filhos esquerdo e direito são indicados através de linhas contínuas e pontilhadas, respectivamente.

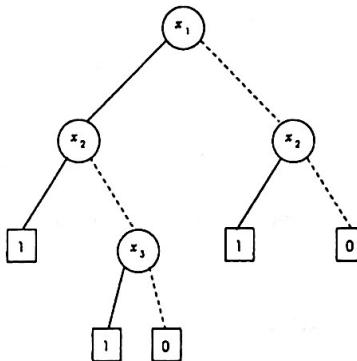


Figura 1. Árvore de decisão para a expressão $(x_1 \vee x_2) \wedge (x_2 \vee x_3)$

Embora árvores de decisão sejam um dispositivo muito útil para representar funções booleanas, freqüentemente, elas podem apresentar muita redundância. Veja, por exemplo, a árvore de decisão para a expressão $(x_1 \leftrightarrow x_2) \wedge (x_3 \leftrightarrow x_4)$ (figura 2), cuja conversão para a forma normal condicional é apresentada a seguir:

$$\begin{aligned}
 & (x_1 \leftrightarrow x_2) \wedge (x_3 \leftrightarrow x_4) \\
 &= \text{ite}(x_1, (1 \leftrightarrow x_2) \wedge (x_3 \leftrightarrow x_4), (0 \leftrightarrow x_2) \wedge (x_3 \leftrightarrow x_4)) \\
 &= \text{ite}(x_1, x_2 \wedge (x_3 \leftrightarrow x_4), \neg x_2 \wedge (x_3 \leftrightarrow x_4)) \\
 &= \text{ite}(x_1, \text{ite}(x_2, 1 \wedge (x_3 \leftrightarrow x_4), 0 \wedge (x_3 \leftrightarrow x_4)), \neg x_2 \wedge (x_3 \leftrightarrow x_4)) \\
 &= \text{ite}(x_1, \text{ite}(x_2, x_3 \leftrightarrow x_4, 0), \text{ite}(x_2, 0 \wedge (x_3 \leftrightarrow x_4), 1 \wedge (x_3 \leftrightarrow x_4))) \\
 &= \text{ite}(x_1, \text{ite}(x_2, x_3 \leftrightarrow x_4, 0), \text{ite}(x_2, 0, x_3 \leftrightarrow x_4)) \\
 &= \text{ite}(x_1, \text{ite}(x_2, \text{ite}(x_3, 1 \leftrightarrow x_4, 0 \leftrightarrow x_4), 0), \text{ite}(x_2, 0, \text{ite}(x_3, 1 \leftrightarrow x_4, 0 \leftrightarrow x_4))) \\
 &= \text{ite}(x_1, \text{ite}(x_2, \text{ite}(x_3, x_4, \neg x_4), 0), \text{ite}(x_2, 0, \text{ite}(x_3, x_4, \neg x_4))) \\
 &= \text{ite}(x_1, \text{ite}(x_2, \text{ite}(x_3, \text{ite}(x_4, 1, 0), \neg x_4), 0), \text{ite}(x_2, 0, \text{ite}(x_3, \text{ite}(x_4, 1, 0), \neg x_4))) \\
 &= \text{ite}(x_1, \text{ite}(x_2, \text{ite}(x_3, \text{ite}(x_4, 1, 0), \text{ite}(x_4, 0, 1)), 0), \\
 &\quad \text{ite}(x_2, 0, \text{ite}(x_3, \text{ite}(x_4, 1, 0), \text{ite}(x_4, 0, 1))))
 \end{aligned}$$

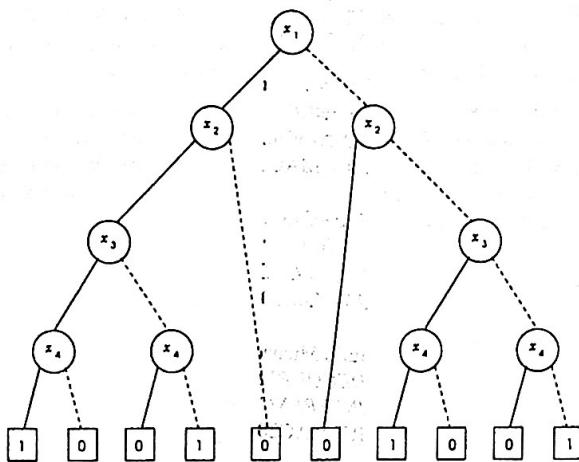


Figura 2. Árvore de decisão para a expressão $(x_1 \leftrightarrow x_2) \wedge (x_3 \leftrightarrow x_4)$

OBDD - 14

5 Diagrama de decisão binária

Como podemos observar na figura 2, parte da redundância existente numa árvore de decisão pode ser eliminada através do compartilhamento de subgrafos isomórficos (e.g. os subgrafos para as expressões $\text{ite}(x_4, 1, 0)$ e $\text{ite}(x_4, 0, 1)$). De fato, quando todo subgrafo isomórfico é compartilhado, a árvore de decisão é transformada num grafo dirigido acíclico, denominado *diagrama de decisão binária* (BDD).

Particularmente, quando a ordem das variáveis de teste nos caminhos que levam da raiz até uma folha é sempre a mesma, o grafo obtido pelo compartilhamento de subgrafos isomórficos é denominado *diagrama de decisão binária ordenado* (OBDD). A figura 3 mostra o resultado do compartilhamento dos subgrafos isomórficos da árvore apresentada na figura 2.

Às vezes, após o compartilhamento de subgrafos, alguns testes podem se tornar redundantes. Para eliminar um teste redundante, basta excluir o nó que representa esse teste e redirecionar todo arco de entrada desse nó para o seu filho (figura 4). Quando todos os testes redundantes num diagrama de decisão binária ordenado são eliminados, o grafo resultante é denominado *diagrama de decisão binária ordenado reduzida* (ROBDD) [2].

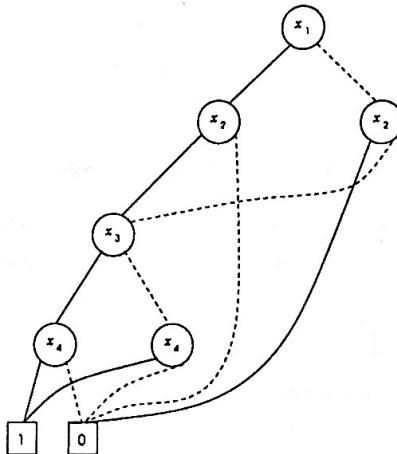


Figura 3. Compartilhamento de grafos isomorfos na árvore de decisão da figura 2

Os ROBDD's apresentam algumas propriedades importantes [1]:

- para toda expressão booleana há um único ROBDD correspondente;
- proporcionam uma representação compacta para expressões booleanas;
- possibilitam algoritmos muito eficientes para manipulação das expressões.

6 Algoritmos para manipulação de ROBDD's

Em termos de estruturas de dados, um ROBDD é uma tabela $T : n \mapsto (v, t, f)$, que associa a cada identificador n um nó com variável de teste v , filho esquerdo t e filho direito f . Ademais, devido ao compartilhamento de subgrafos, a tabela T tem uma inversa $T^{-1} : (v, t, f) \mapsto n$, mapeando nós em identificadores, que será utilizada para garantir que os diagramas sejam reduzidos. Também assumiremos que $T(n) = T^{-1}((v, t, f)) = nil$, sempre que $(n, (v, t, f)) \notin T$.

Nessas tabelas, os identificadores são $0, 1, 2, \dots$ (sendo 0 e 1 reservados para os nós terminais), as variáveis x_1, x_2, \dots são representadas pelos índices $1, 2, \dots$ e a ordem em que as variáveis são testadas é definida pelos seus índices.

Para facilitar a representação dos algoritmos, trataremos a tabela T como uma variável global e escreveremos $|T|$ para denotar o número de entradas existentes na tabela T .

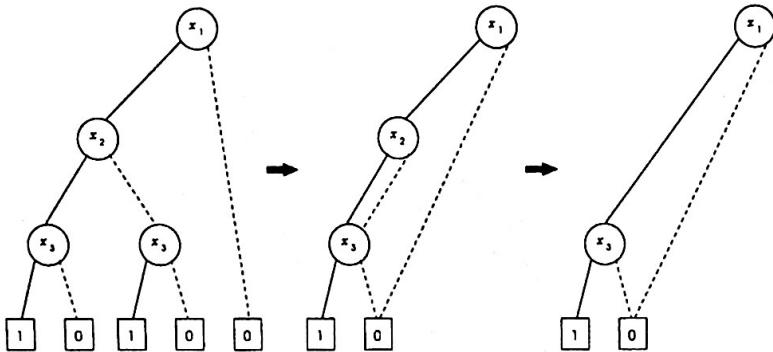


Figura 4. Compartilhamento de grafos isomórfos e eliminação de testes redundantes

6.1 Inicialização da estrutura

O algoritmo INIT recebe uma entrada m , indicando o número máximo de variáveis existentes na expressão booleana a ser representada, e inicia tabela T com duas tuplas especiais, representando os nós terminais 0 e 1. Ademais, para garantir a uniformidade no tratamento dos nós do ROBDD, os terminais são associados à variável x_{m+1} .

```
INIT[T](m)
1  $T \leftarrow \{(0, (m + 1, nil, nil)), (1, (m + 1, nil, nil))\}$ 
```

6.2 Inserção de nós

Inicializada a estrutura, podemos inserir um nó usando o algoritmo INS:

```
INS[T](v, t, f)
1 se  $t = f$  então devolva  $t$ 
2  $n \leftarrow T^{-1}((v, t, f))$ 
3 se  $n = nil$  então
5    $n \leftarrow |T|$ 
6    $T \leftarrow T \cup \{(n, (v, t, f))\}$ 
7 devolva  $n$ 
```

Quando tentamos inserir um nó, caso esse nó seja redundante, a função INS simplesmente devolve o identificador de seu filho; caso esse nó já tenha sido criado anteriormente, a função devolve seu identificador e, finalmente, caso o nó seja novo, a função o cria e devolve seu identificador.

6.3 Construção do diagrama de decisão

O algoritmo BUILD recebe uma expressão na forma normal condicional, cria uma tabela com os nós do diagrama de decisão reduzido para essa expressão e devolve o identificador para o nó raiz desse diagrama.

```
BUILD( $ite(v, \epsilon_t, \epsilon_f)$ )
1 se  $\epsilon_t, \epsilon_f \in \{0, 1\}$  então devolva  $INS(v, \epsilon_t, \epsilon_f)$ 
2 se  $\epsilon_f \in \{0, 1\}$  então devolva  $INS(v, BUILD(\epsilon_t), \epsilon_f)$ 
3 se  $\epsilon_t \in \{0, 1\}$  então devolva  $INS(v, \epsilon_t, BUILD(\epsilon_f))$ 
4 devolva  $INS(v, BUILD(\epsilon_t), BUILD(\epsilon_f))$ 
```

Na figura 5, podemos ver como a execução do algoritmo BUILD, para a expressão $ite(x_1, ite(x_2, ite(x_3, 0, 1), 1), ite(x_3, 1, 0))$, dispara chamadas ao algoritmo INS, que insere nós no diagrama sendo construído (observe que a construção é feita seguindo uma estratégia de busca *depth-first*).

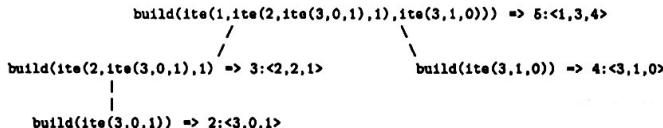


Figura 5. Inserções em T , realizadas pela execução do algoritmo BUILD

6.4 Operações booleanas entre diagramas

Todas as operações booleanas são implementadas pelo mesmo algoritmo genérico APPLY, que baseia-se na seguinte equivalência:

$$ite(x, \epsilon_t, \epsilon_f) op ite(x, \epsilon'_t, \epsilon'_f) \equiv ite(x, \epsilon_t op \epsilon'_t, \epsilon_f op \epsilon'_f) \quad (4)$$

Assim, para efetuarmos uma operação booleana entre duas expressões, basta aplicarmos essa transformação, recursivamente, a partir das raízes dos diagramas dessas expressões. Para maior eficiência, o algoritmo apresentado a seguir utiliza a técnica de *memoização*², implementada por meio da tabela M .

```
APPLY( $op, r_1, r_2$ )
1  $M \leftarrow \emptyset$ 
2 devolva  $APPLY'(op, r_1, r_2)$ 
```

² Programação dinâmica sob demanda.

```

APPLY'[T, M](op, r1, r2)
1 se M( $\langle r_1, r_2 \rangle$ )  $\neq$  nil então devolva M( $\langle r_1, r_2 \rangle$ )
2  $\langle v_1, t_1, f_1 \rangle \leftarrow T(r_1)$ 
3  $\langle v_2, t_2, f_2 \rangle \leftarrow T(r_2)$ 
4 se  $r_1, r_2 \in \{0, 1\}$  então r  $\leftarrow op(r_1, r_2)$ 
5 senão se  $v_1 = v_2$  então r  $\leftarrow INS(v_1, APPLY'(op, t1, t2), APPLY'(op, f1, f2))
6 senão se  $v_1 < v_2$  então r  $\leftarrow INS(v_1, APPLY'(op, t1, r2), APPLY'(op, f1, r2))
7 senão se  $v_1 > v_2$  então r  $\leftarrow INS(v_2, APPLY'(op, r1, t2), APPLY'(op, r1, f2))
8 M  $\leftarrow M \cup \{(\langle r_1, r_2 \rangle, r)\}
9$  devolver r$$$ 
```

7 Implementação de ROBDD em Prolog

```

% bdd.pl (16/Set/2005, Silvio Lago)
:- dynamic t/2, c/1, m/3.

% inicializa a tabela para uma expressao com m variaveis
init(M) :-
    clear(t),
    assert(t([0, [M+1, nil, nil]])),
    assert(t([1, [M+1, nil, nil]])),
    count(2).

% insere um no N na tabela
ins(N, [_, N, N]) :- !.
ins(N, [V, T, F]) :- t(N, [V, T, F]), !.
ins(N, [V, T, F]) :- count(N), assert(t(N, [V, T, F])).

% constrói um diagrama com raiz R, a partir de uma expressao na forma normal condicional
build(R, ite(V, T, F)) :- member(T, [0, 1]), member(F, [0, 1]), ins(R, [V, T, F]), !.
build(R, ite(V, T, F)) :- member(F, [0, 1]), build(A, T), ins(R, [V, A, F]), !.
build(R, ite(V, T, F)) :- member(T, [0, 1]), build(B, F), ins(R, [V, T, B]), !.
build(R, ite(V, T, F)) :- build(A, T), build(B, F), ins(R, [V, A, B]).

% aplica um operador booleano a duas expressoes R1 e R2 e devolve raiz R
apply(Op, R1, R2, R) :-
    clear(m),
    app(Op, R1, R2, R).

app(_, R1, R2, R) :- m(R1, R2, R), !.

app(Op, R1, R2, R) :-
    t(R1, [V1, T1, F1]),
    t(R2, [V2, T2, F2]),
    ((member(R1, [0, 1]), member(R2, [0, 1])) -> E =.. [Op, R1, R2, R], call(E)
     ; V1=V2 -> app(Op, T1, T2, TR), app(Op, F1, F2, FR), ins(R, [V1, TR, FR])
     ; V1<V2 -> app(Op, T1, R2, TR), app(Op, F1, R2, FR), ins(R, [V1, TR, FR])
     ; V1>V2 -> app(Op, R1, T2, TR), app(Op, R1, F2, FR), ins(R, [V2, TR, FR])),
    assert(m(R1, R2, R)).

% predicados auxiliares
clear(T) :- current_predicate(T, H), retractall(H).
count(N) :- nonvar(N), !, clear(c), assert(c(N)).
count(N) :- retract(c(N)), succ(N, M), assert(c(M)).

```

```

show(D,U) :- member(U,[0,1]), tab(D), format('~w~n',[U]).
show(D,U) :- tab(D), t(U,[V,T,F]), format('x~v~n',[V]),
            succ(D,D1), show(D1,T), show(D1,F).

and(X,Y,Z) :- ((X=1, Y=1) -> Z=1 ; Z=0).
or(X,Y,Z) :- ((X=0, Y=0) -> Z=0 ; Z=1).

% testes

t1 :- % compartilhamento de subgrafos
init(4),
build(R,ite(1,ite(2,ite(3,ite(4,1,0),ite(4,0,1)),0),
           ite(2,0,ite(3,ite(4,1,0),ite(4,0,1)))),
show(0,R),
listing(t).

%
%   x1
%   x2
%   x3
%   x4
%   1
%   0
%   x4
%   0
%   1
%   0
%   x2
%   0
%   x3
%   x4
%   1
%   0
%   x4
%   0
%   1
%
%   t(0, [4 + 1, nil, nil]).
%   t(1, [4 + 1, nil, nil]).
%   t(2, [4, 1, 0]).
%   t(3, [4, 0, 1]).
%   t(4, [3, 2, 3]).
%   t(5, [2, 4, 0]).
%   t(6, [2, 0, 4]).
%   t(7, [1, 5, 6]).

t2 :- % eliminacao de teste redundante
init(3),
build(R,ite(1,ite(2,ite(3,1,0),ite(3,1,0)),0)),
show(0,R),
listing(t).

%
%   x1
%   x3
%   1
%   0
%   0
%
%   t(0, [3 + 1, nil, nil]).
%   t(1, [3 + 1, nil, nil]).
%   t(2, [3, 1, 0]).
%   t(3, [1, 2, 0]).

t3 :- % aplicacao de operador
init(3),
build(A,ite(1,0,1)), show(0,A),  get0(_),
build(B,ite(2,1,0)), show(0,B),  get0(_),

```

```

build(C,ite(3,1,0)), show(0,C), goto(_),
apply(and,A,B,R1), show(0,R1), goto(_),
apply(or, R1,C,R2), show(0,R2), goto(_),
listing(t).

% x1
% 0
% 1
%
% x2
% 1
% 0
%
% x3
% 1
% 0
%
% x1
% 0
% x2
% 1
% 0
%
% x1
% x3
% 1
% 0
% x2
% 1
% x3
% 1
% 0
%
% t(0, [3 + 1, nil, nil]).
% t(1, [3 + 1, nil, nil]).
% t(2, [1, 0, 1]).
% t(3, [2, 1, 0]).
% t(4, [3, 1, 0]).
% t(5, [1, 0, 3]).
% t(6, [2, 1, 4]).
% t(7, [1, 4, 6]).
```

Referências

1. ANDERSEN, H. R. *Introduction to Binary Decision Diagrams*, 1997.
2. BRYANT, R. E. *Symbolic Boolean Manipulation with Ordered Binary Decision Diagrams*, 1992.

RELATÓRIOS TÉCNICOS

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO

Instituto de Matemática e Estatística da USP

A listagem contendo os relatórios técnicos anteriores a 2003 poderá ser consultada ou solicitada à Secretaria do Departamento, pessoalmente, por carta ou e-mail (mac@ime.usp.br).

Cristina G. Fernandes, Edward L. Green and Arnaldo Mandel

FROM MONOMIALS TO WORDS TO GRAPHS

RT-MAC – 2003-01 – fevereiro 2003, 33pp.

Andrei Goldchleger, Márcio Rodrigo de Freitas Carneiro e Fabio Kon

GRADE: UM PADRÃO ARQUITETURAL

RT- MAC – 2003-02 – março 2003, 19pp.

C. E. R. Alves, E. N. Cáceres and S. W. Song

SEQUENTIAL AND PARALLEL ALGORITHMS FOR THE ALL-SUBSTRINGS

LONGEST COMMON SUBSEQUENCE PROBLEM

RT- MAC – 2003-03 – abril 2003, 53 pp.

Said Sadique Adi and Carlos Eduardo Ferreira

A GENE PREDICTION ALGORITHM USING THE SPLICED ALIGNMENT PROBLEM

RT- MAC – 2003-04 – maio 2003, 17pp.

Eduardo Laber, Renato Carmo, and Yoshiharu Kohayakawa

QUERYING PRICED INFORMATION IN DATABASES: THE CONJUNCTIVE CASE

RT-MAC – 2003-05 – julho 2003, 19pp.

E. N. Cáceres, F. Dehne, H. Mongelli, S. W. Song and J.L. Szwarcfiter

A COARSE-GRAINED PARALLEL ALGORITHM FOR SPANNING TREE AND CONNECTED COMPONENTS

RT-MAC – 2003-06 – agosto 2003, 15pp.

E. N. Cáceres, S. W. Song and J.L. Szwarcfiter

PARALLEL ALGORITHMS FOR MAXIMAL CLIQUES IN CIRCLE GRAPHS AND UNRESTRICTED DEPTH SEARCH

RT-MAC – 2003-07 – agosto 2003, 24pp.

Julio Michael Stern

PARACONSISTENT SENSITIVITY ANALYSIS FOR BAYESIAN SIGNIFICANCE TESTS

RT-MAC – 2003-08 – dezembro 2003, 15pp.

Lourival Paulino da Silva e Flávio Soares Corrêa da Silva
A FORMAL MODEL FOR THE FIFTH DISCIPLINE
RT-MAC-2003-09 – dezembro 2003, 75pp.

S. Zacks and J. M. Stern
SEQUENTIAL ESTIMATION OF RATIOS, WITH APPLICATION TO BAYESIAN ANALYSIS
RT-MAC – 2003-10 - dezembro 2003, 17pp.

Alfredo Goldman, Fábio Kon, Paulo J. S. Silva and Joe Yoder
BEING EXTREME IN THE CLASSROOM: EXPERIENCES TEACHING XP
RT-MAC – 2004-01-janeiro 2004, 18pp.

Cristina Gomes Fernandes
MULTILENGTH SINGLE PAIR SHORTEST DISJOINT PATHS
RT-MAC 2004-02 – fevereiro 2004, 18pp.

Luciana Brasil Rebelo
ÁRVORE GENEALÓGICA DAS ONTOLOGIAS
RT- MAC 2004-03 – fevereiro 2004, 22pp.

Marcelo Finger
TOWARDS POLYNOMIAL APPROXIMATIONS OF FULL PROPOSITIONAL LOGIC
RT- MAC 2004-04 – abril 2004, 15pp.

Renato Carmo, Tomás Feder, Yoshiharu Kohayakawa, Eduardo Laber, Rajeev Motwani, Liadan O` Callaghan, Rina Panigrahy, Dilys Thomas
A TWO- PLAYER GAME ON GRAPH FACTORS
RT-MAC 2004-05 – Julho 2004

Paulo J. S. Silva, Carlos Humes Jr.
RESCALED PROXIMAL METHODS FOR LINEARLY CONSTRAINED CONVEX PROBLEMS
RT-MAC 2004-06-setembro 2004

Julio M. Stern
A CONSTRUCTIVIST EPISTEMOLOGY FOR SHARP STATISTICAL HYPOTHESES IN SCIENTIFIC RESEARCH
RT-MAC 2004-07- outubro 2004

Arlindo Flávio da Conceição, Fábio Kon
O USO DO MECANISMO DE PARES DE PACOTES SOBRE REDES IEEE 802.11b
RT-MAC 2004-08 – outubro 2004

Carlos H. Cardonha, Marcel K. de Carli Silva e Cristina G. Fernandes
COMPUTAÇÃO QUÂNTICA: COMPLEXIDADE E ALGORITMOS
RT- MAC 2005-01 – janeiro 2005

C.E.R. Alves, E. N. Cáceres and S. W. Song
A BSP/CGM ALGORITHM FOR FINDING ALL MAXIMAL CONTIGUOUS SUBSEQUENCES OF A SEQUENCE OF NUMBERS
RT- MAC- 2005-02 – janeiro 2005

Flávio S. Corrêa da Silva
WHERE AM I? WHERE ARE YOU?
RT- MAC- 2005-03 – março 2005, 15pp.

Christian Paz-Trillo, Renata Wassermann and Fabio Kon
A PATTERN-BASED TOOL FOR LEARNING DESIGN PATTERNS
RT- MAC – 2005-04 – abril 2005, 17pp.

Wagner Borges and Julio Michael Stern
ON THE TRUTH VALUE OF COMPLEX HYPOTHESIS
RT- MAC – 2005-05 – maio 2005, 15 pp.

José de Ribamar Braga Pinheiro Jr., Alexandre César Tavares Vida and Fabio Kon/
IMPLEMENTAÇÃO DE UM REPOSITÓRIO SEGURO DE APLICAÇÕES BASEADO EM GSS – PROJETO TAQUARA
RT- MAC – 2005-06 – agosto 2005, 21 pp.

Helves Domingues and Marco A. S. Netto
THE DYNAMICDEPENDENCE MANAGER PATTERN
RT – MAC 2005-07 – dezembro 2005, 12 pp.

Marco A. S. Netto, Alfredo Goldman and Pierre-François Dutot
A FLEXIBLE ARCHITECTURE FOR SCHEDULING PARALLEL APPLICATIONS ON OPPORTUNISTIC COMPUTER NETWORKS
RT- MAC 2006-01 – Janeiro 2006, 18 pp.

Julio M. Stern
COGNITIVE CONSTRUCTIVISM AND LANGUAGE
RT – MAC 2006-02 – Maio 2006, 67 pp.

Arlindo Flávio da Conceição and Fabio Kon
EXPERIMENTS AND ANALYSIS OF VOICE OVER IEEE 802.11 INFRASTRUCTURED NETWORKS
RT – MAC 2006-03 – Junho 2006,